

RECEÇÃO DE CAMÕES NA LITERATURA INGLESA

que esclarecem de modo interessante a sua personalidade, foram utilizadas pelos biógrafos, mas mereceriam ser traduzidas. Ao contrário de Pessoa, Camões ainda não tem a honra de figurar entre os autores da prestigiosa Biblioteca da Pléiade. Em setembro de 2009, a Internet anuncia 18 600 páginas francófonas para Camões, mas 65 200 para Pessoa. Portanto, ainda fica muito por fazer no século XXI... Mas Camões tem leitores entusiastas. No blog *Nova Folha* de Alfred Teckel, em setembro de 2005, lê-se o seguinte comentário: «Camões é definitivamente um gigante das letras mundiais, o equivalente de um Shakespeare, um Goethe ou um Cervantes. E um gigante essencial, que é preciso ler e reler, sem receio, por ser tão bela a obra dele, e bastante fácil de ler. Não há tempo a perder, para os que não o conhecem o descobrirem, e para os outros mergulharem de novo nele com delícia.»

BIBL.: BISMUT, Roger, «Camões en France», *Arquivos XVI*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1981, pp. 723-753; GALLUT-FRIZEAU, Anne, *Camões en France (1600-1860)*, Thèse pour le Doctorat d'Etat, Université Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1972; MARTOÇO, Bernard, «Le naufrage de Sepúlveda dans une pièce française du XVII^e siècle: *Les Portugais infortunés*», in *Vents du Large*, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, 2002, pp. 123-139.

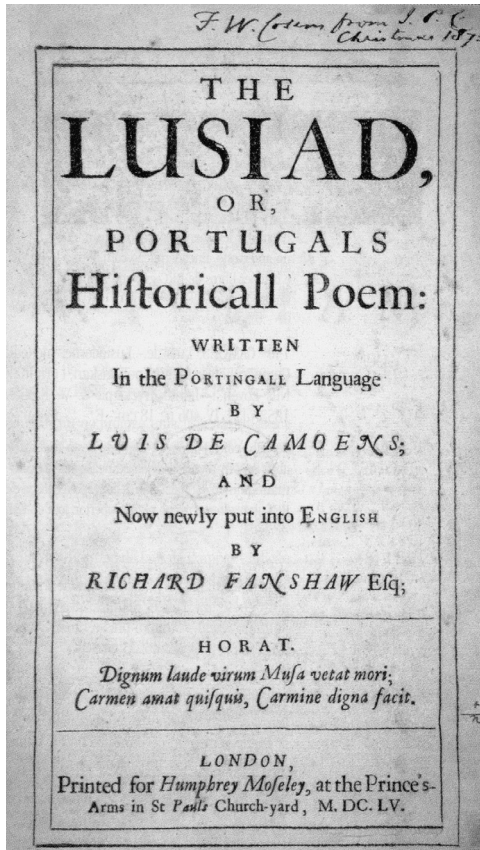
Anne-Marie Quint

RECEÇÃO DE CAMÕES NA LITERATURA INGLESA. Enquanto dados históricos da cultura recetora, condicionados por fatores conjunturais de ordem política, social, económica, religiosa, diplomática e militar, os contributos britânicos para a internacionalização de Camões abrangem não só traduções, adaptações e ensaios de carácter histórico, biográfico e crítico, como também produções literárias originais. Mesmo se nos cingirmos apenas a obras impressas até meados do século XIX, salienta-se o facto de a tradição poética inglesa haver incorporado, com frequência, não só alusões esparsas, mas também marcas de intertextualidade reminiscentes da obra camonianiana, dentre as quais enumeramos as mais significativas. A similitude entre Milton e Camões na visão profética do futuro, inserida quase no termo das respetivas epopeias; a objeção de J. Dryden quanto à coexistência do maravilhoso pagão e da teologia cristã em *Os Lusíadas*;

a tematização da viagem do Gama e seu significado para a história da Índia, por parte de R. Cumberland; a descrição circunstanciada de uma tempestade marítima num poema célebre de J. Thomson; o facto de W. Bowles glorificar poeticamente o pioneirismo português na abertura e exploração da carreira da Índia; a perfeição e pervivência dos sonetos camonianos, considerados por W. Wordsworth dignos de figurar entre os mais inspirados da modernidade europeia; a importância atribuída pelo círculo de Lord Byron à relação entre a genialidade artística e os desventurados amores de Camões e D. Catarina, episódio predileto da geração romântica que seria transposto nas versões de F. Hemans e, mais tarde, desenvolvido ao gosto da exuberância vitoriana, em textos como «Catarina to Camoens» e na sequência lírica, *Sonnets from the Portuguese* (1850), ambos de E. B. Browning.

A despeito desta variedade temática, a observância de imperativos editoriais impõe-nos, liminarmente, duas restrições. Trataremos, aqui, de modo mais seletivo do que exaustivo, a receção inglesa da produção épica e lírica de Camões, com relevo para alguns textos traduzidos que, sintomáticos da sua época, lograram exercer influência mais marcante e duradoura sobre a posteridade. Para tanto, limitaremos geograficamente o nosso campo ao horizonte britânico, atitude tanto mais redutora quanto é certo que, em nossos dias, os estudos anglisticos se definem em sentido tão lato que abrangem também a magnitude da cultura norte-americana e de outras literaturas, dispersas por territórios outrora integrados no império colonial anglófono.

A primeira tradução inglesa d'*Os Lusíadas* por R. Fanshawe (1655) radica no contexto histórico duplamente complexo dos meados do século XVII. Por um lado, Portugal travava ainda a Guerra da Restauração e intensificava contactos diplomáticos em Londres, tendentes a reforçar o apoio luso-britânico. Por outro, a Inglaterra vivia as sequelas dos graves litígios entre a Coroa e o Parlamento, responsáveis pelo protetorado de Cromwell e pela Guerra Civil que precedeu a Restauração monárquica (1660). Partidário da causa régia, diplomata, literato e lusófilo, Fanshawe situa-se na esteira de ambos os conflitos, pois não só participou nas negociações do casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II



Folha de rosto da 1.^a edição em língua inglesa d'*Os Lusíadas*, traduzidos por Richard Fanshawe, Londres, 1655

de Inglaterra (1662), como também aproveitou a situação transitória de preso político, para se dedicar à tradução da epopeia camoniana que provavelmente conheceu em Madrid, pela mão de Faria e Sousa. O translato revela a preocupação de ultrapassar a mera fidelidade literal, através de critérios que restaurem valores semânticos e pragmáticos, essenciais ao valor estético do texto mas entretanto tornados obsoletos pela evolução linguística. Por vezes, a ausência de anotações explicativas da densidade camoniana leva Fanshawe a adicionar e a integrar, no próprio corpo do texto, variadas explicitações parentéticas. Num esforço de abrangência eclética, e embora respeite as relações intertextuais d'*Os Lusíadas* com os moldes clássicos de Virgílio, o tradutor incorpora também no texto outras sugestões, recolhidas nas epopeias modernas, ao modo de Boiardo, Ariosto,

Tasso e Spenser. Semelhante amálgama de elementos heterogêneos ameaça comprometer o desígnio unitário de Camões que não se dispensara de tomar a factualidade histórica como matéria-prima, sujeita a reelaboração e transmutação criativas, operadas pela imaginação poética. Considerada, por alguns, simples versão parafrásica destituída de autêntica valia estética, a reescrita de Fanshawe toma como unidade de tradução a estrofe e, no seu interior, reordena as componentes frásicas e proposicionais sem, no entanto, conseguir revitalizar a oitava rima, já então fora de moda em Inglaterra. Esta persistência de estruturas obsoletas, para mais incrustadas num texto publicado já no declínio do retardatário Renascimento inglês, contribuiria para explicar a reduzida repercussão coeva da obra de Fanshawe, mais tarde relegada para o limbo editorial donde críticos novecentistas da envergadura de C. M. Bowra e E. M. W. Tillyard haveriam de resgatá-la. Mesmo sem emitir juízo valorativo sobre a reescrita de Fanshawe, deve reconhecer-se que ela constitui tradução direta do original camoniano e, em certo sentido, marca um momento inaugural na apresentação da literatura portuguesa aos leitores britânicos.

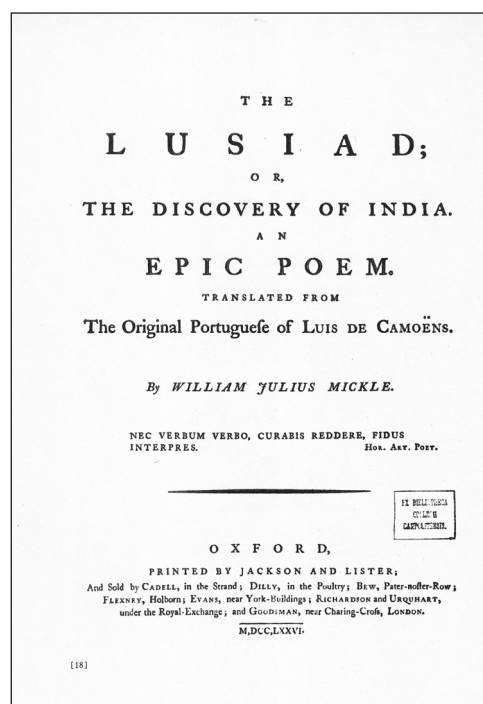
Um século depois de Fanshawe, a tradução d'*Os Lusíadas* (1756) por W. J. Mickle denota o contexto macroeconómico da expansão e consolidação do império mercantil britânico e, em termos periodológicos, situa-se no processo de evolução do paradigma cultural racionalista, próprio do neoclassicismo augustano, para o quadro da sensibilidade proto-romântica, anunciadora das poéticas oitocentistas emergentes. No panorama das relações luso-britânicas setecentistas, avultam dados significativos, como sejam a repercussão internacional da catástrofe sísmica de Lisboa (1755), o facto de Portugal se haver paulatinamente tornado destino habitual de viajantes ingleses, impelidos por variadas motivações, e ainda a ação de fomento cultural desenvolvida por mecenas lusófilos, uns frequentadores do círculo do Dr. S. Johnson e outros agrupados em torno da Companhia das Índias ou vinculados à nossa legação em Londres. Todos estes fatores geravam no leitor coevo expectativas literárias a que a tradução de Mickle procura corresponder, adotando algumas soluções de compromisso. Por exemplo, enquanto a nível prosódico opta pela

RECEÇÃO DE CAMÕES NA LITERATURA INGLESA

contenção e rigidez do dístico heroico fechado, ao gosto do neoclassicismo, o tradutor explora igualmente categorias estéticas já protorromânticas. A título exemplificativo, citaremos o pitoresco paisagístico do exotismo tropical e a intensidade estética do sublime, presente na descrição do oceano tempestuoso, das forças cósmicas em fúria e no retrato grandioso e patético do gigante Adamastor. Além disso, transpondo Camões para os horizontes mercantis do século XVIII, Mickle interpreta globalmente a obra como a moderna epopeia do contacto e do comércio internacionais, no duplo sentido de celebrar o diálogo com o Oriente e de inaugurar auspiciosas rotas que viabilizam as comunicações e as trocas de mercadorias no espaço euro-afro-asiático. Desta forma, relegando para posição subalterna o sentido coletivo e teleológico da História portuguesa que se depreende d'*Os Lusíadas*, as atenções de Mickle concentram-se na heroicidade individual do Gama e na especificidade espaciotemporal dos Descobrimentos. Com efeito, estes parecem-lhe constituir um legado e um precedente históricos suscetíveis de legitimar a translação do império marítimo, construído pelo Portugal quinhentista, para a supremacia empresarial do colonialismo britânico do século XVIII. Essa transferência de hegemonia geoestratégica multiplicaria as possibilidades de discriminação étnica e cultural, mas afigurava-se que ela poderia ser neutralizada pela ética igualitária, professada pela cristianização concomitante. Por conseguinte, Mickle logrou levar a bom termo o projeto de anglicização ideológica do canto camoniano, o que contribuiu presumivelmente para a aceitabilidade da tradução junto da crítica e do público, num êxito expresso em múltiplas edições e reimpressões. Em todo o caso, o juízo valorativo do nosso tempo deverá relativizar o sucesso da versão de Mickle cuja microanálise revela, além de inexatidões pontuais, certas amplificações hiperbólicas e altissonantes, a atenuação censória dos episódios de manifesto erotismo e variadas omissões, além de inexplicados aditamentos ou de interpolações, sobremaneira discutíveis (306 versos no Canto IX). Todavia, se a interpretação subjetivante e a liberdade criativa da reescrita fazem de Mickle, porventura, o menos fiel tradutor camoniano, não deixa de ser consensual a qualidade poética do translato, o que lhe valeu acolhimento na Aca-

demia das Ciências de Lisboa e lhe granjeou lugar de realce na camonologia inglesa. Além disso, ao refutar objeções formuladas por Voltaire (1733), a versão de Mickle e respetivos paratextos ensaísticos vieram consolidar o lugar canónico e a internacionalidade de Camões e, por extensão, promoveram a apreciação mais alargada da literatura portuguesa além-fronteiras. A título de curiosidade, interessa ainda registar como, no plano prático, a versão de Mickle se tornou uma espécie de vade-mécum histórico-cultural e fonte informativa de leitura obrigatória para quantos planeavam viajar ou residir entre nós.

No século XIX, a imagem de Camões articula-se com a evolução das relações luso-britânicas, reativadas quando da ofensiva napoleónica, alimentadas por sucessivas vagas da emigração liberal para Inglaterra e sustentadas pelo próspero intercâmbio comercial de lanifícios e produtos vinícolas. O diálogo foi ainda reforçado diplomaticamente pelo parentesco entre as casas reinantes de ambos os países, embora se agravasse mais tarde pelo conflito colonial relacionado com a

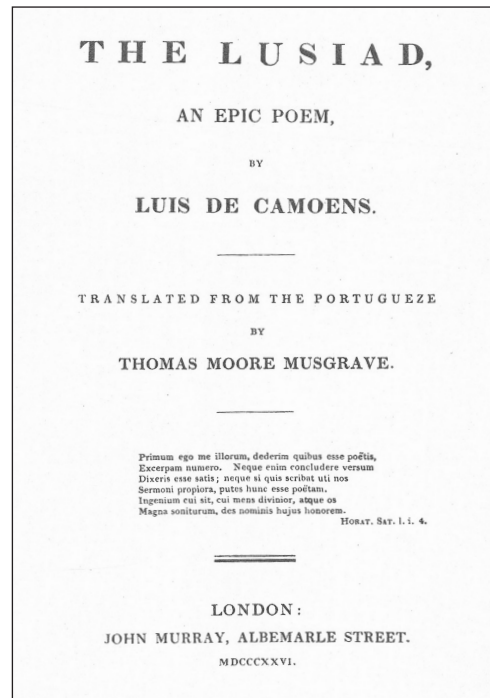


Folha de rosto de *The Lusiad; or The Discovery of India. An Epic Poem*, Oxford, 1776

partilha do continente africano que conduziria ao *Ultimato* de 1890. No contexto inglês, a receção oitocentista de Camões documenta as profundas alterações estéticas que, sob várias designações periodológicas, sempre remetem para o cerne do paradigma cultural romântico e se repercutem em todos os setores da atividade literária e artística. Em conformidade, regista-se uma significativa modificação de ponto de vista, na medida em que a nova hierarquia de interesses tende a conceder atenção prioritária à obra lírica de Camões, referida já por W. Hayley em *An Essay on Epic Poetry* (1782) e cuja tradução se inaugura com *Poems from the Portuguese* (1803) de Lord Strangford. Diplomata acreditado em Lisboa e familiarizado com a língua portuguesa, o tradutor seguiu a moda vigente e adaptou Camões ao gosto dos leitores seus destinatários, em sintonia com as poéticas da sinceridade que postulavam a obra literária como um repositório de emoções autênticas, experimentadas pelo próprio autor empírico. Assim, na imagem de um Camões romantizado, valoriza-se o discurso do poeta egocêntrico em constante postura de confessionalismo autobiográfico e investido de poderes geniais e demiúrgicos que verbalizam a sua sensibilidade ímpar e a libertam da observância de normas preexistentes. Deste modo, a partir de sugestões documentáveis em Faria e Sousa e Severim de Faria, a intervenção de Strangford constrói uma biografia sentimental de Camões que faz deste o protagonista da diáspora e do exílio em paragens inóspitas, vítima de desventuradas coitas de amor, alvo de ingrata negligência por parte dos seus contemporâneos e, sobretudo, testemunha angustiada de um desconcerto cósmico próximo da vivência trágica. Prefaciadas e anotadas, as versões de Strangford recriam também, sob diversas formas, o tom medievalizante das redondilhas bem como o código cortês e petrarquista dos sonetos camonianos. Em complemento, a respetiva contextualização histórica deriva também da referência a possíveis fontes e análogos, respigados na tradição lírica siciliana, provençal, italiana e inglesa. Quanto aos critérios de tradução adotados, a rejeição liminar da literalidade leva Strangford a perfilhar metodologias sobremaneira criativas, visando transcrever o sentido genérico do original, mesmo com prejuízo da equivalência de palavras, versos ou estrofes. De um modo geral, as omissões, os aditamentos e as

alterações introduzidas demonstram o modo como, no quadro poetológico romântico, o distanciamento criativo em relação ao texto de partida pode originar um translato tendencialmente autonomizável e com energia estética capaz de revitalizar a tradição sonetística inglesa. Nem todos concordarão com o modo como Strangford reescreve Camões, intensificando a grandiloquência, explicitando ambiguidades e diluindo na tensão dramática, por recurso a um tom declamatório, recheado de exclamações, interrogações e apóstrofes. De resto, a aceitabilidade de semelhantes procedimentos pode avaliar-se com base na opinião algo reticente da crítica coeva, todavia compensada pelo elevado número de edições e reimpressões da versão de Strangford durante o século XIX.

Na geração seguinte, os estudos camonianos levados a cabo por J. Adamson atingem posição cimeira. Leitor de Manuel Correia, Pedro de Mariz, Severim de Faria e dos comentários de Faria e Sousa, frequentador de círculos lusófilos britânicos (Lorde Holland, Hayley, Southey, Quillinan, Strangford, Musgrave, etc.) e relacionado



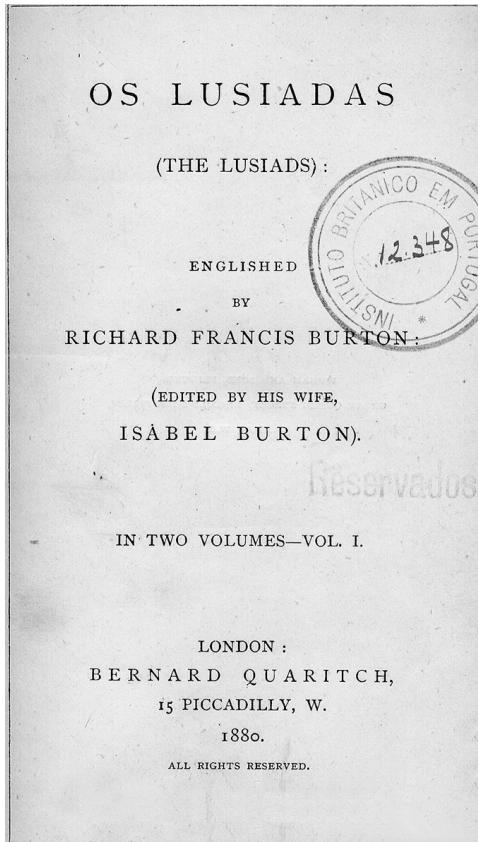
Folha de rosto de *The Lusiad, an Epic Poem*, Londres, 1826

RECEÇÃO DE CAMÕES NA LITERATURA INGLESA

com literatos portugueses como Garrett, o Morgado de Mateus, o duque de Palmela e tantos outros, Adamson delimitou a camonologia como tema preferencial de reflexão especializada, dentro da vasta área da moderna lusitanística. Com efeito, por um lado, deve-se-lhe a publicação inconclusa de *Lusitania Illustrata* (1842-1846), ambicioso projeto editorial sobre a história, a literatura e a cultura portuguesas; por outro lado, desenvolveu e sistematizou investigação biográfica, bibliográfica e crítica sobre Camões, reunida em vários estudos de que se salientam *Memoirs of the Life and Writings of L. De C.* (1820), trabalho de e para especialistas; finalmente, na sequência do interesse dos tradutores românticos pelo reflexo especular da autobiografia na obra lírica, selecionou e deu a lume diversas versões em *Sonnets from the Portuguese of L. de C.* (1810). A introdução e as anotações respetivas sintetizam o trabalho de escoliastas anteriores, mas situam Adamson dentro de uma espécie de círculo viciado, ao pretender explicar a lírica de Camões em termos da sua vida e, ao mesmo tempo, ao procurar suprir lacunas biográficas, recorrendo a informes alegadamente contidos na obra. Todo este infatigável labor, extensivo a outros aspetos da literatura portuguesa tardo-renascentista torna Adamson um dos mais profícuos agentes de mediação intercultural luso-britânica, ainda que a sua projeção junto dos conterrâneos ficasse aquém do seu real valor. Com efeito, se excetuarmos recensões laudatórias dispersas na imprensa da época, teremos de registar várias opiniões depreciativas, como a de R. Southey, que não esclarece até que ponto se limita a verberar os ornatos retóricos usados pelo erudito Adamson ou, pelo contrário, reprova alegadas deficiências da própria escrita original. Em contrapartida, como reconhecimento pelo contributo prestado à internacionalização de Camões, Adamson foi, entre nós, agraciado com condecorações e honras académicas e poderá ser globalmente considerado precursor distante dos trabalhos de Juromenha e Storck.

Apesar de no período oitocentista se registar uma propensão muito especial para explorar a dimensão lírica de Camões, importa ter presente que também a epopeia atraiu sucessivos tradutores que a reescreveram, de forma fragmentária ou integral. Na maior parte dos casos tais versões

manifestaram respeito formal pela oitava rima mas, em alternativa, recorreram ao pentâmetro jámbico não rimado (verso branco) ou até à chamada estância spenseriana, ou seja, acomodaram Camões a fórmulas canónicas diretamente inspiradas na tradição prosódica do quinhentismo inglês. Entre os tradutores incluem-se T. Musgrave (1826), cuja estratégia elidiu ou expurgou passos de *Os Lusíadas* suscetíveis de levantar objeções em matéria da licenciosidade de costumes, obviamente proscribida pelo rigorismo puritano da sociedade de oitocentos. Também E. Quillinan deixou incompleta uma versão dos cinco primeiros cantos, postumamente publicados (1853), que revelam aprofundado conhecimento da língua e literatura portuguesas, próprio de um lusófilo educado entre nós, mas documentam maior fluência narrativa do que intensidade lírica e obedecem ao imperativo censório de tornar o poema compatível com a moralidade oficial da Inglaterra vitoriana. Quase em simultâneo, sob a responsabilidade de T. Mitchell, veterano da Guerra Peninsular, veio a lume outra tradução (1854) que, visando preservar integralmente o espírito do texto de partida, utiliza uma dicção arcaizante e excessivamente literalista, com prejuízo dos valores conotativos e poéticos do original. De maior qualidade e importância se reveste a tentativa de J. J. Aubertin (1878), primeiro estudioso a incentivar o cotejo entre a epopeia original e o respetivo translato, impressos lado a lado, no pressuposto de que a sua versão corresponderia à que Camões teria plausivelmente composto, se acaso o inglês fosse a sua língua. Para tanto, concretiza uma estratégia de tradução que procura subsumir e assimilar a voz do autor e identificar-se com o seu pensamento criativo, para mais rigorosamente lhe transcrever as cadências e melodias do canto. Levando tal atitude às últimas consequências, Aubertin chega mesmo a afirmar que só por autêntica metempsicose se poderia atingir plenamente o objetivo de traduzir Camões. Ainda assim, o fruto da sua tarefa demonstra não só apurada capacidade de análise e produção textual, mas também assinalável discernimento na ultrapassagem das mais graves dificuldades, por exemplo, a de resistir à tentação de sobreornamentar a escrita camoniana, preservando-lhe a sofisticada simplicidade e a consumada mestria. Embora apontando algumas objeções menores, os



Frontispício da edição inglesa em dois volumes d'*Os Lusíadas*, traduzidos por Richard Francis Burton, Londres, 1880

críticos portugueses e britânicos acolheram de modo muito favorável o trabalho criterioso de Aubertin sobre a epopeia e a lírica, sublinhando a excelência dos efeitos obtidos e a superior qualidade poética do translato. Ainda em finais do século XIX, merece referência a tradução d'*Os Lusíadas* dada à estampa por R. F. Duff (1880), sobretudo porque o esforço de anglicização da epopeia conduziu à escolha de uma estrofe particular (nove versos jámbicos de oito e doze sílabas), cuja popularidade se deve ao poeta renascentista E. Spenser, contemporâneo de Camões. Desta forma Duff pretendia ressituar cronologicamente o translato e instaurar uma relação de homologia entre ambos os poetas, desiderato que, com frequência, obrigou a alterações substanciais que denunciam também as marcas da originalidade poética do tradutor.

Pelos finais do século XIX, agudizava-se a crise internacional provocada pela partilha de África entre as potências coloniais participantes na Conferência de Berlim (1884-1885). Ora, justamente centradas em 1880, as comemorações do tricentenário da morte de Camões, poeta da expansão europeia ultramarina, ofereceram moldura adequada a algumas iniciativas, então levadas a efeito por reputados lusófilos ingleses. Entre elas, conta-se o vasto projeto, amadurecido durante várias décadas por R. F. Burton, literato, orientalista e explorador que redigiu diversos volumes de temática camoniana, inclusive a tradução *Seventy Sonnets of Camoens* (1881) e uma versão integral, em oitava rima, intitulada *The Lusíads* (1880). Viajante incansável e conhecedor direto de Portugal e da maioria das paragens longínquas onde Camões deambulava, o tradutor acreditava que, por comparação com o dos antecessores, o elevado mérito do seu trabalho só lograria receber plena consagração por parte dos vindouros e antecipava mesmo alguns dos reparos que efetivamente haviam de lhe ser dirigidos. Com efeito, animado pelo propósito assimilativo de reproduzir a epopeia com o maior grau de aproximação possível, Burton experimentou uma dicção poética que, tendo em conta as divergências prosódicas entre ambas as línguas, traçasse uma via de compromisso entre a excessiva literalidade de alguns predecessores e o desregramento imaginativo de outros. Não obstante, comparece no translato elevado número de estrangeirismos, neologismos e sobretudo vocábulos e locuções de sabor arcaizante que visam evocar o ambiente quinhentista do original, sem, no entanto, conseguir recuperar a energia melódica e conotativa da respetiva expressão poética. O resultado final documenta uma espécie de idioleto literário, circunstância que compromete a sua própria legibilidade, pois o leitor coevo, de cultura mediana, sentiria estranheza e extrema dificuldade em aderir a um texto deliberadamente distanciado das suas expectativas linguísticas. No que toca à produção lírica, em *Luis de Camoens: the Lyrics* (1884) Burton ultrapassou os mais de trezentos sonetos selecionados e, tradutor versátil, não hesitou em verter outras formas, por exemplo, canções, odes e sextinas. De um modo geral, a espontaneidade da inspiração camoniana altera-se sobremaneira, pela reiteração de fórmulas este-

RECEÇÃO DE CAMÕES NA LITERATURA INGLESA

reotipadas, pela explicitação unívoca e redutora de expressões originariamente polissêmicas ou pela amplificação interpretativa da frase. Em complemento, a obra ensaística *Camoens: his Life and his Lusíads* (1881) revela as qualificações de Burton como investigador e estudioso diligente que, a partir de informes de amplitude quase enciclopédica, compendia e desenvolve, por vezes de modo impressionista, sugestões e comentários sobre a biobibliografia do poeta, a história portuguesa, a cosmografia, a náutica e os relatos de viagens. A completar abundantes anotações histórico-literárias, o trabalho contém ainda glossário, índice analítico e uma seleção de recensões críticas. Tomadas globalmente, as diversas facetas do labor camoniano desenvolvido por Burton entrecruzam-se num padrão complexo onde predomina uma abordagem que hoje diríamos multidisciplinar e que abrange tanto a receção criativa, consubstanciada na tradução literária, como a receção crítico-valorativa que ilustra procedimentos exegéticos, condicionantes da aculturação de Camões na tradição histórica anglófona.

Até finais de oitocentos, a receção de Camões na cultura inglesa foi sobretudo obra de literatos amadores que, com motivações lusófilas, comentaram e reescreveram um discurso épico e lírico onde o seu gosto individual reconhecia qualidade e excelência estética. Essa tradição ainda hoje se prolonga na devoção de estudiosos independentes que, antes de mais, desejam fruir e partilhar o comprazimento da sua experiência de leitura literária, eximindo-se ao analitismo de metalinguagens especializadas, alegadamente suscetíveis de prejudicar a ligação afetiva com o texto. Todavia, no decurso do século xx e no espaço luso-britânico, regista-se gradualmente um fenómeno de institucionalização dos saberes literários que tende a concentrar a receção camoniana nas mãos de historiadores e críticos profissionais, na sua maioria vinculados aos meios universitários. Esta mudança implica a constituição dos estudos camonianos como objeto de investigação científica no quadro das humanidades modernas, o que pressupõe requisitos disciplinares de extremo rigor. Na verdade, a disponibilização de fontes documentais em edições fidedignas, o acesso a um modo de leitura assente na perspetiva crítica e genética dos saberes filológicos, a destriça entre a imagem lendá-

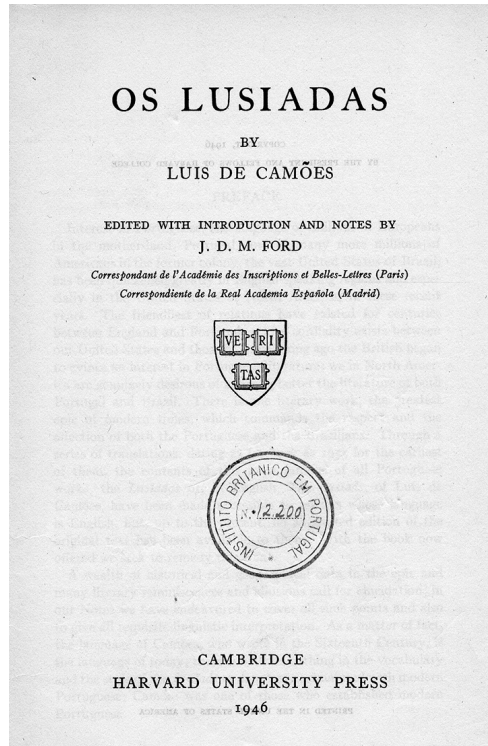
ria e ficcionalizada do poeta e os factos apuráveis por aturada pesquisa biobibliográfica, o conhecimento aprofundado do contexto quincentista no plano sociopolítico, económico, histórico-cultural e estético-literário, a perspetivação comparatista das redes transnacionais de migração textual que se entrecruzam na obra camoniana e a partir dela irradiam — todas estas e tantas outras orientações da pesquisa no espaço anglófono têm assumido importância, amplitude e proporções consentâneas com a extrema complexidade dos problemas em discussão. Um dos primeiros nomes a reter na camonologia inglesa contemporânea será o de Edgar Prestage, especialista em história diplomática do século xvii, sócio da Academia das Ciências de Lisboa e, desde 1923, professor catedrático de Literatura Portuguesa na Universidade de Londres. Coube-lhe a responsabilidade de publicar *Minor works of Camoens* (1924) e também *The Passion of Christ: Two Elegies of Camoens* (1924) com estudos acerca das éclogas, redondilhas, oitavas e elegias, algumas das quais, vertidas para inglês, revelam sinais de religiosidade mística em Camões. Além desse distinto lusitanista cujo fecundo magistério contribuiu para formar numerosos discípulos, Aubrey Bell também é nome sobejamente conhecido, pelo interesse das reflexões inseridas em *Portuguese Literature* (1922) e *Luis de Camoens* (1923) e ainda pelo critério clarividente com que selecionou e traduziu o lirismo camoniano em *Poems from the Portuguese* (1913). Igualmente devemos a W. J. Entwistle uma importante discussão sobre o mérito relativo da inspiração épica e lírica (1943), enquanto numa série de artigos em prestigiadas revistas científicas (1934-1973) George West se ocupou com minúcia biográfica, histórica e crítica da figura e da obra de Mickle, célebre introdutor d'*Os Lusíadas* na Inglaterra setecentista. Por seu turno, C. M. Bowra e E. M. W. Tillyard, dois dos maiores especialistas ingleses na história e estrutura do género épico na literatura europeia, dedicaram a Camões estudos seminais, respetivamente em *From Virgil to Milton* (1948) e *The English Epic and its Background* (1956). Considerados em paralelo, ambos afirmam que a epopeia camoniana, celebração da heroicidade de todo um povo, se inscreve no contexto humanista e classicizante do Renascimento e demonstra um aproveitamento seletivo da nossa historiografia,

para melhor enaltecer o significado da mundialização económica e cultural viabilizada pelos Descobrimentos portugueses.

Quanto à receção criativa dos textos camonianos, recordemos obras como *Adamastor* (1930) e *Sons of the Mistral* (1945) da autoria de Roy Campbell, poeta de origem sul-africana familiarizado com paisagens naturais e humanas descritas em *Os Lusíadas* e tradutor que se sentia atraído por Camões com quem julgava identificar-se, na fundamentação ideológica do império colonial. Já no terceiro quartel do século XX e após revisitar a mitologia sebastianista e lhe dar reelaboração dramática, também o lusófilo Jonathan Griffin publica *Camões: some Poems* (1976), coletânea de traduções com enquadramento ensaístico onde figuram, entre outras, reescritas de sonetos, redondilhas e canções. Também Keith Bosley se encarrega de traduzir *Camões: Epic and Lyric* (1990), exemplo que dará igualmente frutos em traduções norte-americanas recentes.

Deve acrescentar-se que, na segunda metade do século XX, a epopeia camonianiana continuou a congregar atenções de natureza múltipla. Na sequência da Segunda Guerra Mundial, uma autêntica revolução no mercado editorial alargou o consumo do livro que, em formato e preço acessíveis, atinge elevadas tiragens para corresponder ao aumento exponencial da procura. Veículo de instrução e entretenimento, o chamado livro de bolso destinava-se a um público de nível cultural mediano e habituado a um código linguístico referencial, prioritariamente denotativo, de alcance utilitário e, na prática, isento de funções características da literariedade. Todo este envolvimento explica o facto de a tradução em prosa *The Lusíads* (1952) por W. C. Atkinson, lançada pela editora Penguin, ter conhecido êxito comercial sustentado durante décadas. Tratava-se, com efeito, de aceder a um poema épico, atualizado e vulgarizado, através de um enunciado prosaico de onde haviam sido rasurados não só referentes culturais estruturantes, como também vestígios de metaforização e elaboração estética, de tal forma que o efeito trivializante do resultado final configurava notório desrespeito pela integridade do texto camonianiano.

Destinada a estabelecer a transição entre dois séculos e milénios, a geração seguinte procuraria experimentar estratégias translatórias



Frontispício da edição inglesa d'*Os Lusíadas*, com introdução e notas de J. D. M. Ford, Cambridge, Mass., 1946

alternativas, como é patente na versão inglesa d'*Os Lusíadas* (1997) da autoria de Landeg White. Convirá ter presente que, nas décadas anteriores, todo o processo de descolonização havia acarretado mudanças aceleradas nas relações euro-afro-asiáticas, provocando redistribuições de supremacia e novos dispositivos reguladores das relações internacionais. Tornava-se, pois, necessário, readaptar o poema épico que exalta as virtudes da expansão portuguesa dos séculos XV e XVI, de modo a transferi-lo para a cultura anglófona tardo-novecentista, ou seja, para um contexto histórico pós-colonial onde se formulam acerbas críticas à multissecular hegemonia europeia nos trópicos. Em última análise, traduzir Camões implica, por um lado, repensar o pendor tendencialmente eurocêntrico da cultura ocidental face ao reconhecimento de valores e especificidades locais, regionais e nacionais no espaço multicontinental do chamado Terceiro Mundo e, por outro, reler *Os Lusíadas* como

RECEÇÃO DE CAMÕES NA LITERATURA ITALIANA

poema precursor dos diálogos interculturais estabelecidos num quadro ecuménico de igualdade e respeito mútuo. Com semelhante estratégia, o tradutor poderá aproximar o poema dos estereótipos mentais hoje vigentes e, por consequência, ir ao encontro da expectativa dos destinatários imediatos, reintegrando o translato no contexto da cultura recetora e acentuando a sua pertinência para o nosso tempo.

Mais recentemente, o mesmo tradutor assina *The Collected Lyric Poems of Luis de Camões* (2008), texto que denota certa preocupação de ordem filológica, embora não consiga desprender-se de tentações biografistas na leitura e interpretação literária dos poemas traduzidos, cuja ordenação sequencial, evocativa de uma viagem real e figurada, pretensamente revela um processo de gradual maturação autoral que, todavia, dificilmente encontra correspondência na versão em inglês. O futuro ditará a fortuna crítica de mais esta tentativa de aculturação da obra lírica camoniana, nos alvares do século XXI.

Do que fica dito talvez se possam extrair uma síntese e um alvitre. Em primeiro lugar, na rede de constantes (trans)migrações textuais que caracterizam a literatura intercultural da Europa moderna e contemporânea, a receção da obra de Camões na literatura anglófona acompanha todas as vicissitudes do multissecular relacionamento luso-britânico. Globalmente apreciado, esse vasto corpo textual testemunha paradigmas epocais cuja sequência define a evolução de modelos teóricos, critérios operativos e estratégias discursivas, condicionantes da leitura e da reescrita de Camões na cultura recetora. Quer procurem, prioritariamente, adequar-se ao original quer busquem cumprir o desiderato da aceitabilidade junto dos destinatários, os translatos aqui reunidos em diacronia constituem uma espécie de núcleo em torno do qual se organizam enquadramentos contextualizadores que visam fornecer informações extratextuais necessárias ao entendimento e fruição do discurso poético quinhentista. Em segundo e último lugar, valeria a pena inverter o sentido da reflexão e indagar até que ponto a receção pela anglofonia poderá revitalizar, na atualidade, o estatuto da literatura portuguesa no contexto multicultural euro-atlântico. Parece não restar dúvidas de que, pelo facto de o inglês ter adquirido a posição de língua franca da cultura

contemporânea, lhe cabem funções privilegiadas de intermediação cultural. Em virtude de tal alargamento de horizontes geográfico-literários, encontram-se virtualmente ampliadas as repercussões transnacionais da obra camoniana que poderá encontrar, na anglofonia, um veículo de disseminação e canonização quase à escala planetária. Por conseguinte, os incentivos à consolidação do estatuto de Camões nas literaturas de expressão inglesa talvez devessem merecer a atenção redobrada de quantos hoje se ocupam em promover, além-fronteiras, a imagem do nosso património cultural.

BIBL.: BASSNETT, Susan, «Variations on Translation», *La Lingüística Aplicada a fines del siglo XX : ensayos y propuestas*, Alcalá, 2001; BRAGA, Teófilo, «As traduções inglesas d'Os Lusíadas», *Questões de Literatura e Arte Portuguesa*, Lisboa, s/d; CARDIM, Luís, *Projeção de Camões nas Letras Inglesas*, Lisboa, 1940; ESTORNINHO, Carlos, «O culto de Camões em Inglaterra», *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, pp. 23-24 (1961); id., *Camoniana Inglesa da Biblioteca do Instituto Britânico*, Lisboa, 1972; FLOR, J. Almeida, «The Old Man of Belém: sobre a mais recente tradução inglesa d'Os Lusíadas», HOMEM, R. C. (org.), *Tradução, Ensino, Comunicação*, Porto, 1999; id., «Um Camões lírico para o nosso tempo», *Românica*, 18 (2009); KELSH, H., «Towards a History of Portuguese Literature in English Translation», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 10 (2001); LETZRING, Madonna, «The influence of Camoens in English Literature», *Revista Camoniana*, pp. 1-3 (1964-1971); MONTEIRO, George, *The Presence of Camões: Influences on the Literature of England, America and Southern Africa*, Lexington, 1996; id., «Camões and the English», *Portuguese Literary and Cultural Studies*, 9, 2003; MOSER, F. de Mello, «Luís de Camões em Inglaterra», *Estudos sobre a Projeção de Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras*, Lisboa, 1984; SOUSA, M. L. Machado (org.), *Camões em Inglaterra*, Lisboa, 1992; THOMAS, Henry, *English Translations of Portuguese Books before 1640*, Oxford, 1926; WALTER, Felix, *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'époque romantique*, Paris, 1927; WEST, George, «Luís de Camões e o Romantismo inglês», *Revista Portuguesa*, 21 (1938); id., «A projeção d'Os Lusíadas através das traduções inglesas», *Bracara Augusta*, pp. 35-36 (1971-1972).

João Almeida Flor

RECEÇÃO DE CAMÕES NA LITERATURA ITALIANA. A cultura italiana ficou marcada muito cedo pelo fascínio de Camões, e sempre se considerou que o conhecimento do poema épico se tinha difundido na Península Itálica muito provavelmente através das tradu-